

Špánková, Silvie; Braga, Maria Ondina

Braga, Maria Ondina (1932–2003): Estação Morta (conto incluído na coletânea homónima de 1980)

In: Špánková, Silvie. (Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 30-31

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130532>

Access Date: 24. 10. 2025

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Braga, Maria Ondina (1932–2003): *Estação Morta* (conto incluído na coletânea homónima de 1980)

Um dos mais belos contos da autora em que a temática da descolonização e das suas consequências é tratada pelo menos parcialmente. A protagonista, Dora, num desejo de encontrar o sossego e a calma nas férias, instala-se, na estação baixa, no Grande Hotel do Parque à beira-mar, aí vivendo uma aventura inesperada e um tanto lúgubre, tocada de erotismo e horror. Lourenço, um dos homens ligados ao hotel, esconde algo terrível do seu passado, então vivido em África.

Lourenço não se conformava com o desinteresse de Dora a seu respeito: «Engraçado! Você é a única pessoa que não quis saber nada de mim. Toda a gente se espanta de eu viver aqui sozinho, na minha idade...» Falou dos fios da infância que o prendiam ao hotel. Que casa! Salões doirados para casamentos, para festas de fim de ano. O melhor do concelho, antes do incêndio. No Inverno costumava brincar com o filho do guarda da mata nos compridos corredores, de quarto para quarto: «Os sustos que lá apanhei! Ele era mais velho que eu um ano ou dois, apagava as luzes, saía de repente de uma porta: ô-ôô... e eu aos berros, como se visse uma alma do outro mundo. O quarto por cima do que você ocupa foi onde o meu pai morreu. Tinha há pouco mandado construir o pavilhão para lá viver com Mme. Henriette. E no dia do enterro estalou uma tempestade tão forte que o telhado foi pelos ares - baixava a voz. - Logo constou que era do funeral sem padre ...» Um telhado de loiça como o dos templos orientais.

Calou-se, de olhar fixo, vítreo (chorava?). Sacudiu a cabeleira basta e ondulada. O pai. Coitado do pai! Prometera reconquistar-lhe a fazenda que o MPLA lhe havia assaltado nos Dembos. O tio esquartejado lá por esses cães. Prometera. Por isso se atirara a eles com quantas ganas tinha ... -Ergueu-se de um salto. Encarou-a:

- Para que estou a falar nisto, para quê?
- Essa agora... Falou porque quis. Alguém lhe fez perguntas?

Serenou. Tinha razão, ela. Mas aquilo não o largava. Já lá iam perto de três anos e ainda sonhava com a guerra. Uma vez uma mina explodiu no mato à sua frente. Por um triz não o atingiu. Três camaradas pulverizados, simplesmente pulverizados: a quem tinham pertencido aquelas divisas?, aquela medalha?, as unhas?, os dentes? Horrível! E, já no fim, o ataque aos musseques ! «A pretalhada a debandar das cubatas como macacos, aos guinchos ...» Noites lindas. Que Lua! E o cheiro a podre dos cadáveres.

(BRAGA, Maria Ondina. *A Rosa de Jericó*. Lisboa: Caminho: 1997, s. 224–225)

Atividades:

1. Situe os acontecimentos narrados no contexto espaço-temporal.
2. Descreva a mentalidade de Lourenço. Qual é a sua relação com Dora? Em que se baseia a tensão criada entre eles?
3. Comente o título do conto e seu alcance simbólico.